

O Trem da

HISTÓRIA

Setor de Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto

ARAXÁ, DEZEMBRO DE 2000 - ANO 10 - Nº 31 - R\$ 3,50

A Casa do Poeta



Nesta edição, reportagem completa das novas funções do antigo prédio do Cine e Clube Brasil.



A qualidade

Verbatim

Tem endereço certo!

P A P E L A R I A
REGIONAL

Escritório, Informática, Escolar, Impressoras e Cópias. Escolar

Praça Governador Valadares, 441 - Araxá - MG
Fone: (34) 3662-3898 - Fax: (34) 3661-3898

MUDANÇAS
TRANS-ARAXÁ

SERVIÇO ESPECIALIZADO EM MUDANÇAS
LOCAIS E PARA TODO O PAÍS

Praça Governador Valadares, 441 - Araxá - MG
Fone: (34) 3662-3898 - 9986-2898
Fax: (34) 3661-3898

EDIÇÃO

PESQUISA E TEXTO

Glaura Teixeira Nogueira Lima

COLABORADORES

DIGITAÇÃO

Keyla Barbosa Machado

REVISÃO

Antônia Verçosa

LAY-OUT e ARTE FINAL

Imagem Propaganda

IMPRESSÃO

Gráfica Planeta

CAPA

Fachada principal da Casa do Poeta.

FOTO: Finholdt

Arquivo SAHPP/FCH

ASSINATURAS: (0xx34) 3662-1033.

RAMAL 2262 - Keyla ou Trindade.



PREFEITO DE ARAXÁ

Ministro Olavo Drummond

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

PRESIDÊNCIA

Patrícia Drummond de Ávila Lemos

SETOR DE FORMAÇÃO MUSICAL-SFM

Ljellia Cardoso Porfírio

SETOR DE ARQUIVO HISTÓRICO,

PESQUISAS E PUBLICAÇÕES-SAHPP

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Maria Trindade C. Resende Goulart

Maria Abadia Borges Afonso

Maria Abadia Faria Silva

SETOR DE MUSEUS E BENS CULTURAIS SMBC

Rosa Maria Spinoso de Montandon

Regina Aparecida de Oliveira

José Antônio de Ávila Oliveira

SETOR DE ADMINISTRAÇÃO E

SUPERVISÃO DE ARTESANATO

Maria Lúcia Batista Goulart



Fundação Cultural Calmon Barreto

Pça Arthur Bernardes, 10 - Araxá/MG - 38.183-218

FONE: (0xx34) 3662-1033 RAMAIS: 2260 - 2262 - 2263

FAX: (0xx34) 3662-1034 - RAMAL 2260

E-mail: fccb@terra.com.br

As informações contidas nesta revista podem ser reproduzidas desde que citada a fonte.

Nesta Edição

Estação Memória - <i>A Casa do Poeta</i> -----	04
Naquele Tempo - <i>Trabalhadores de Araxá, Uni-vos</i> -	06
Memória Fotográfica - <i>Resenha Esportiva</i> -----	09
Quem Foi Quem - <i>Antenor Afonso Júnior</i> -----	14
Olha o Passarinho - <i>Família Leime</i> -----	16
A Bela Estância - <i>O Sonho da Estação Ideal</i> -----	17
Papel Passado - -----	20
Historiando Hoje - -----	21

De Palavra em Palavra

Há um século Araxá assiste ao questionamento sobre a maneira mais eficaz de se administrar as potencialidades do Barreiro. Esta edição traça um panorama dos desafios que as gerações passadas enfrentaram para transformá-lo em uma estância-modelo. Municipalizar, estatizar ou privatizar? De uma certa forma todas as três alternativas foram experimentadas. Até mesmo Dona Beja já podia ser identificada, desde os anos 20, como estratégia de marketing.

Sob outra perspectiva, *O Trem da História* tenta mostrar duas realidades distintas da história da maior e mais bela estância hidromineral do continente. De um lado, a exaltação do poder e o luxo ostensivo. Do outro, o duro dia-a-dia dos operários que trabalharam na construção e as dificuldades com que se depararam para colocar em funcionamento a estância suntuosamente equipada.

A urbanização vivida por Araxá nas décadas anteriores à "Era Grande Hotel" sinalizara não só o caminho do progresso mas também alguns sérios problemas sociais como o alto custo de vida e a falta de moradia. Os operários uniram-se em torno da Associação Operária Araxaense e alcançaram as primeiras vitórias trabalhistas.

Adotado como um tipo de lazer ideal para o trabalhador, o futebol popularizou-se também em Araxá. Nossa cultura futebolística é permeada por casos curiosos, personagens excêntricos e muita paixão e emoção vividas por dirigentes, torcedores e atletas. A Memória Fotográfica comprova tudo isso através de fotografias e documentos, muitos dos quais pertenceram a Nonô Afonso ou, ainda, por meio das lembranças nítidas de Arthur Rosa, um dos fundadores do Najá que hoje conta esta história com rigor de detalhes.

Araxá trabalha para construir uma memória coletiva. As crescentes doações que enriquecem nossos arquivos, o atendimento contínuo à pesquisa escolar e a inauguração da Casa do Poeta - destinada à cultura - são provas evidentes.

A Casa do Poeta deixa a condição de projeto para tornar-se uma realidade. É o membro mais recente da Fundação Cultural Calmon Barreto e vem representar uma inegável via de transformação da nossa vida cultural.



Fachada do prédio do Clube Brasil em reforma para abrigar a Casa do Poeta. 2000.

Fotografia: Patrícia Drummond. Acervo SAHPP/FICIB

O projeto de criação do espaço denominado Casa do Poeta, no prédio do Clube Brasil, vem mostrar que Araxá está atenta às necessidades de ações culturais. Mais do que isso prova que aqui se executa uma política de valorização do passado, integrando o ao presente.

O prédio foi construído originalmente para ser o Cine-teatro Glória, inaugurado em 1929. Na verdade, os proprietários desta arrojada casa de espetáculos não obtiveram o retorno compatível ao investimento. Diante dos problemas enfrentados, alguns próprios do conservadorismo da sociedade local, a venda tornou-se inevitável.

Em 1937 o imóvel passou a sediar o Clube Brasil, criado com a finalidade de oferecer aos associados opções de convívio e lazer direcionadas aos eventos sociais e culturais. De acordo com os primeiros estatutos, o clube foi idealizado para suprir uma das carências da nossa vida social. Assim estavam previstas a organização de um ambiente para leitura e oportu-

nidades como as de divulgar Araxá e de estimular o turismo.

Suas instalações abrigaram momentos importantes do nosso cotidiano. Por muitas vezes o povo esteve reunido sob sua sacada para ouvir pronunciamentos do interesse coletivo. Durante décadas, o Cine Brasil e os bares do andar térreo completaram o conjunto de atrativos daquele espaço cultural.

Tais como o Cine-teatro Glória e o Clube Brasil foram no passado, as dependências da Casa do Poeta atenderão às funções consideradas essenciais na atualidade, tais como: Cine-teatro Brasil, Biblioteca Pública Municipal Viriato Correia, Academia Araxaense de Letras, Sala Clube Brasil e Cafeteria.

A sua inauguração, reativando antigas funções do prédio, representa a importância de preservar um patrimônio com forte significado para os araxaenses. E, curiosamente, coloca em prática alguns itens do estatuto inicial do clube que pretendeu, também, criar um ambiente destinado a leitura. A presença da Biblioteca e, ainda, a

da Academia concretiza esse antigo objetivo. A recuperação do Cine-teatro, a Sala Clube Brasil divulgando nossas tradições históricas e a Cafeteria são, também, fatores revitalizantes da oferta turística de Araxá.

A implantação da Casa do Poeta somente

foi possível devido ao apoio da iniciativa privada. Empresas como FOSFÉRTIL, CRMM, FIEMG e ECT assumiram integralmente os custos do projeto de reforma e adaptação do espaço físico elaborado por Isabel Tannús e executado pela Palace Engenharia e Construções Ltda.

O decreto de criação da Casa do Poeta, assinado pelo prefeito Ministro Olavo Drummond em 2 de outubro de 2000, define que este novo centro cultural estará vinculado administrativamente à Fundação Cultural Calmon Barreto. Antes disso, foi celebrado em contrato de comodato em que o Clube Brasil cede o prédio à Prefeitura por 30 anos, contando-se a partir de 16 de novembro de 1998, data da assinatura do termo.

Em 29 de dezembro de 2000 será desatada a fita inaugural da Casa do Poeta com apresentações da Escola Municipal de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo, da Orquestra Filarmônica Vida e do Coral Aleluia da Igreja Assembléia de Deus, os dois últimos de Belo Horizonte. As portas da Casa



Interior do Cine-teatro Brasil onde se vê a porta de entrada a partir do palco. 2000. Fotografia: Patrícia Drummond. Acervo SAHPP/FCCB.

estarão abertas para oferecer ao público:

Cine-teatro Brasil: A opinião pública define, atualmente, a inexistência de uma sala de projeção de filmes como uma das maiores carências do setor cultural da cidade. Num passado relativamente recente, Araxá contava com um número inferior de habitantes, porém oferecia-lhes maior número de cinemas. A proposta de reativar esse espaço para cinema e teatro e a sua localização são perfeitamente acessíveis ao público e às exigências da vida urbana na atualidade. O cinema está pronto para receber o maquinário necessário para a projeção de filmes.

Sala Clube Brasil: O termo de Comodato, transferindo o imóvel à Prefeitura do Araxá, determina a existência de um espaço interno para o Clube Brasil. Uma associação de inegável valor histórico e cultural para a cidade merece ser preservada como símbolo de uma geração que ali depositou sua força de trabalho, registrou suas idéias e ao qual dedicou seus momentos de lazer e de socialização.

Academia Araxaense de Letras: Desde 1965, data de sua cria-

ção, por um grupo de intelectuais de expressivo renome, a Academia Araxaense de Letras reivindica uma sede própria. Como a maioria de seus fundadores já é falecida, os atuais membros trabalham para que os objetivos originalmente estabelecidos sejam cumpridos. As reuniões até então eram itinerantes e o acervo literário e documental, reunido ao longo de 35 anos, é acolhido separadamente por seus integrantes. Para uma cidade como Araxá, que busca conhecer e valorizar sua identidade

cultural e para os próprios acadêmicos, a sede da AAL é considerada uma prioridade absoluta.

Cafeteria: A instalação de um serviço de café no andar térreo do prédio acompanha uma tendência mundial presente nos espaços culturais e totalmente possível de ser adaptada à nossa realidade. Aos atrativos culturais oferecidos estão o de frequentar um ponto de convívio que oferece além dos serviços de uma cafeteria, o acesso aos jornais, livros e revistas.

Biblioteca Pública Municipal Viriato Correia: Fundada em 1957, agora conquista uma sede no andar superior do prédio para reunir seus 22.137 volumes. No andar térreo funcionará a biblioteca infantil. Ao lado desta, uma outra sala, também disponível, aguarda a aprovação do projeto encaminhado ao Ministério da Cultura para implantação da leitura em braile.



Da entrada do Cine-teatro Brasil vêem-se o palco e o local da tela do cinema. A luz do sol passa pelo telhado em reforma e reflete no assoalho do prédio construído originalmente em 1929. Fotografia: Patrícia Drummond. Acervo SAHPP/FCCB.



O interior desta escola de Corte e Costura mostra um ambiente produtivo da cidade em 1916. Doação: Maria Conceição França. Arquivo SAHPP/FCCB - 00044/C.

TRABALHADORES DE ARAXÁ, UNI-VOS!

A principal característica de uma cidade brasileira, na transição do século XIX para o XX, está centrada no fato de o espaço urbano ser o lugar que possibilite aos seus moradores alcançar a sonhada prosperidade.

É na cidade que se notam as alterações no cotidiano da população. O modo de vida urbano passa a contar com invenções como a fotografia, o telégrafo, o rádio e, depois do trem de ferro, a vez do automóvel.

Tudo isso leva também às diferentes formas de convivência social e de prática política. O que produzir, como comercializar, de que forma lidar com as questões relativas à vida diária que parece transformar-se progressivamente?

Instituir a vida associativa é uma decorrência natural desse processo e, por isso, criam-se centros de convivência, clubes literários e de lazer.

Araxá contava, em 1926, com dezessete associações cujas áreas de atuação transitavam entre religiosidade, assistência social, lazer, cultura, justiça, educação e trabalho. Do seu elenco podemos enumerar uma série que poderá ser objeto de estudos posteriores. São elas:

**Casa de Caridade de Araxá;*

**Associação de São José;*

**Pia União das Filhas de Maria;*

**Associação das Mães de Família;*

**Associação dos Apostolados da Oração;*

**Associação dos Devotos de Maria Santíssima Auxiliadora;*

**Associação das Amiguinhas do Menino Jesus;*

**Conferência de São Vicente;*

**Associação Operária Araxaense;*

**Sociedade de Geografia e História do Brasil Central;*

**Irmandade de São Francisco e São Sebastião;*

**Clube Atlético Araxaense;*

**Conselho Escolar de Araxá;*

**Associação da Confraria do Catecismo da Doutrina Cristã;*

**Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito;*

**Araxá Futebol Clube;*

**Jurados da Comarca de Araxá.*

As mudanças passavam ainda pela introdução de novos hábitos alimentares e pela descoberta de formas inéditas de lazer. Todas elas, inevitavelmente, celebravam a riqueza material como meio de ascender-se socialmente. Diante disso, os valores considerados burgueses ganhavam força e consagravam-se.

Esse cenário, aparentemente progressista, sinalizou também para

uma crise que se manifestava, sobretudo, nos altos preços dos gêneros alimentícios e das moradias.

Embora os brasileiros associem a legislação trabalhista à política paternalista de Getúlio Vargas, é bom lembrar que, antes, os "trabalhadores do Brasil" já haviam se unido em torno de associações que pudessem promover as tais transformações.

O período posterior à primeira guerra (1914-17) havia apontado a gravidade das questões sociais que emergiam do desemprego, estimulavam grevistas e fortaleciam movimentos operários e populares.

Ao abraçar uma campanha de repressão ao jogo, a imprensa araxaense alerta, em 1917, para os problemas causados com a sua proliferação pela cidade. Ao mesmo tempo, traça um panorama sobre a condição de vida da população: "(...) Sendo esta cidade habitada em sua maioria pelo proletariado, gente que mal ganha o suficiente para levar uma vida senão precária, ao menos bem modesta, é de notar o mal que vem causando aqui essas inúmeras arapucas armadas à boa fé e ignorância, desviando as economias e poucos recursos dos operários para a bolsa sempre insaciável dos 'banqueiros'."

De um modo geral, a condição dos trabalhadores araxaenses não difere da dos brasileiros. Os problemas mais prementes repetiam-se em todos os lugares: salários, segurança do trabalho, jornada excessiva e ausência de leis trabalhistas.

Ser operário, segundo o Dicionário *Aurélio*, é ser um "trabalhador ou artífice que, mediante salário, exerce uma ocupação manual". Portanto, os operários ou trabalhadores locais empreenderam uma luta política em favor da valorização da classe e Araxá viu nascer a *Associação Operária Araxaense*.

Ao final de 1924 já se viam pela imprensa sinais da presença do operariado como segmento social de forte representatividade. Os serviços do barbeiro e cabeleireiro, por exemplo, podiam ser feitos no *Salão Operário*, à Rua do Comércio (atual Dr. Franklin de Castro).

A Associação foi fundada em 8 de março de 1925, reunindo trabalhadores de diversos ofícios. Imigrantes portugueses e italianos que não possuíam o seu próprio negócio também integravam o quadro de associados. Os trabalhadores eram representados por costureiras, alfaiates, mecânicos, sequeiros, sapateiros, ferreiros, tipógrafos, motoristas, funcionários do comércio e de pequenas fábricas.

Seus fundadores, inspirados pelos ideais trabalhistas que, dentre outras metas, pretendiam unir política e culturalmente a classe, definiam a Associação Operária como "fructo benedicto da harmonia, alta visão e civismo do nosso povo, distribuído por diversos ramos de actividade promissora".

Formou-se a primeira diretoria composta por nomes como Sebastião Gomes, João Bazolli, Jason de Oliveira, José Afonso Ribeiro, José Guimarães, Edmar Tilo, Arlindo Amaral, Tito Silva, José Horácio Montandon, Alfredo Melasippo, José Fullini, Elias Bittar, Dr. Leonel Braga, Dr. José Ribeiro, Alfredo Neves, José Gomes, Clarimundo Baptista, José Leandro, Júlio Guidini, João da Cruz Filho e Antônio Alves Dimas. Oacisto Teixeira da Cunha integrou a equipe fundadora em-

bora tenha assumido funções administrativas somente nas gestões subsequentes.

Em 1925, Araxá contava com uma renda municipal de 245.000\$000 e a cidade, com exceção dos distritos, possuía "684 casas construídas e várias em construção". Uma das fontes dos impostos arrecadados pela administração pública advinha justamente dos "ofícios e profissões".

Eram definidos como "oficinas de trabalho" os estabelecimentos responsáveis pela produção e pelo comércio. A cada uma dessas que se inaugurava, a imprensa reafirmava a importância dada à força do trabalho e à vida associativa.

O 1º de Maio

Historicamente, o significado do 1º de Maio remete a dois momentos. O primeiro deles, ao célebre massacre de 1886, quando os trabalhadores de Chicago reuniram-se para reivindicar junto aos patrões uma jornada diária de oito horas. O segundo, em 1890, quando a classe trabalhista inovou, registrando na Europa, pela primeira vez, o *Dia do Trabalhador*. Assim foi instituído o 1º de Maio, cuja data, escolhida simbolicamente, representa a fase próspera que se inicia com a chegada da primavera para os europeus.

Para muitos especialistas no tema, a festa do 1º de maio acabou sendo apoiada e promovida pelo Estado e "(...) muitas vezes oferecida aos

trabalhadores como dádiva, forma de sedução e cooptação que em determinadas conjunturas fez com que, de sujeitos, os trabalhadores se vissem reduzidos à platéia". Mas o fato é que a data, hoje, permanece como um referencial de luta da classe. A jornada de 8 horas de trabalho foi uma reivindicação inicial posteriormente estendida às outras, específicas de cada categoria.

Em Araxá, a trajetória do 1º de Maio é semelhante a de todo o Brasil. Aqui se comemora este dia desde 1925, quando os trabalhadores se reuniram em torno da Associação Operária. Como no restante do país, a celebração também sofreu uma pausa durante o governo de Getúlio Vargas e, mais tarde, durante a ditadura militar dos anos 60 e 70.

Imprensa

Na década de 20, o jornal *Minas Brasil* foi, de certa forma, o porta-voz dos trabalhadores de Araxá. O seu proprietário e redator, Sebastião Gomes, foi um dos fundadores e militantes da Associação. Na redação do semanário na antiga Rua São Miguel — a "Capitão Izidro" — possivelmente se desenrolaram muitas das discussões em torno da causa trabalhista.

Naquele 1º de Maio de 1925, o jornal circulou excepcionalmente na sexta, e não no domingo, justamente



Com a bandeira da Associação Operária Araxaense ao fundo, os membros da sua diretoria posaram para a fotografia publicada à página 57 do *Álbum de Araxá*, organizado por Horácio de Carvalho em 1928. Diretores identificados, da esquerda para direita, em pé: 2º - Flávio Epiphânio, 3º - Arlindo José Rocha, 4º - Tito Silva, e 6º - Hudson Alvarenga. Sentados: 1º - Arlindo Amaral, 2º - Antônio Rocha, 3º - Sebastião Gomes, 4º - Brasiliano Vieira, 5º - José Guimarães.

por este dia ter sido reservado às festividades. Com uma salva de 21 tiros e alvorada musical, a Associação convocou o povo a sair pelas principais ruas da cidade e a saudar a chegada de um tempo de conquistas para o trabalhador.

Das solenidades constaram ainda a cerimônia de posse da primeira diretoria e o lançamento da pedra fundamental da sede da Associação que se previa inaugurar, a curto prazo, na antiga Rua Boa Vista.

Como de costume em eventos cívicos ou religiosos, coroou-se o final do dia com uma retreta na Praça Governador Valadares, ainda chamada de Praça da Conceição e de traçado e composição diferentes dos atuais.

É visível, no programa precursor da versão local do 1º de Maio e, posteriormente, nas ações da classe que se organizava, a intenção de ressaltar o significado da existência da *Associação Operária Araxaense*. A possibilidade de unir profissionais de diversas atividades para um fim único revelava por parte destes, virtudes como harmonia, civismo e consciência cidadã. Tal iniciativa, aos olhos dos trabalhadores, nada mais era do que o fruto do estágio de socialidade que se atribuíra à população da época.

Araxá

De fato, Araxá não esteve indiferente ou alheia à iniciativa trabalhista que já se repetia, de forma globalizada, em diversos lugares. Ancorado nesse argumento, em 1º de maio de 1925, o jornal *Minas Brasil* fazia um apelo para que o comércio local aderisse ao movimento internacional e às homenagens ao trabalhador, encerrando antecipadamente o expediente do dia que, por sinal, era um domingo. A redução da jornada semanal com a folga aos domingos seria uma conquista posterior.

O impulso festivo da celebração pioneira do 1º de maio em Araxá cedeu lugar ao fortalecimento gradual da Associação. Em 1926, por exemplo, os representantes do operariado local aderiram à campanha mundial vitoriosa que estabele-



Destile de estudantes durante a comemoração do Dia do Trabalho, no estádio Fausto Alvim, 1º de maio de 1949. Doação: Manoel Lopes da Silva. Arquivo SAHPP/FCCB-00329.

ceria definitivamente as 8 horas diárias de trabalho.

Outra vitória trabalhista aconteceu quando o prefeito Inácio Dias Paes Leme sancionou, em 15 de fevereiro de 1926, a lei municipal que concedia o direito da folga aos domingos para os funcionários do comércio.

Já em 1928, três anos depois de sua criação, a Associação Operária Araxaense contava com 137 associados numa população que somava 16.463 habitantes. Seus integrantes persistiam, ainda, na luta para arrebanhar novos companheiros.

O Cine Trianon foi, por muitas vezes, o palco de reuniões e assembleias dos trabalhadores. Ali foram discutidos temas como as condições sociais do operariado, as atividades a serem praticadas pela Associação e, não raramente, o apelo feito aos médicos e farmacêuticos para ingressarem na organização.

O fato de não termos localizado outras fontes, além das que nos permitiram registrar fragmentos da história da luta operária em Araxá, não nos impede de afirmar que, anos mais tarde, a Associação já havia conquistado seu espaço de atuação, tendo uma sede própria. Tanto é que chegou a apoiar, ainda na década de 20, a formação de outras associações similares como a *Liga Progresso de Araxá*.

A figura do trabalhador e as diversas formas de fortalecimento da classe, ainda que passassem por fases de repressão por parte do Estado, não mais deixaram de estar incluídas no cenário urbano local, desde aquele maio de 1925.

Controle Social

Em 1949, diante dos debates travados a respeito da necessidade de se construir "casas populares" próximas à Igreja São Sebastião, chegou-se a discutir sobre a criação da "cidade operária". É evidente que esse projeto já vislumbrava um meio de controle social e de exclusão.

Um outro exemplo de segregação é a busca que se empreendeu para promover um lazer saudável aos trabalhadores desde que esse lazer não comprometesse o dia de trabalho. Por isso, nada mais apropriado do que estimular atividades físicas como, por exemplo, o futebol. Curiosamente a origem britânica deste esporte adquiriu características específicas ao ser adaptado pelos brasileiros. No Brasil, a rigidez da técnica e do vigor físico deram lugar aos dribles e às gingas.

Assim, se Araxá já contava com a *Associação Operária Araxense*, a possibilidade de ter o seu *Operário Futebol Clube* viu-se rapidamente transformada em realidade.

Fonte:

Arquivos SAHPP/FCCB.

Referências Bibliográficas:

1890-1900: GEM VEZES PRIMEIRO DE MAIO. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1900.

CARVALHO, Horácio (Org.). *Album do Araxá*. São Paulo: Typographia Gutenberg, 1928.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Sociedade e Política na Primeira República*. São Paulo: Atual, 1999.

MARTINS, Ana Luiza. *República um outro olhar*. São Paulo: Contexto, 4ª edição: 1996.

SILVEIRA, Victor. *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.



Resenha Esportiva

"Inaugura-se, hoje, si o tempo permitir, o campo do **Foot-Ball Club-Araxá**, com um "match" entre os dois luzidos *teams* dessa novel *equipe*, que ficou constituída:

Partido Vermelho — **Ruy Barbosa:** Cravinhense, Altamiro, Juca, Achilles, Sancho, Tupinambá, Cunha, Vatapá, Belfort, Patrocínio, Benedicto, Horacio (reserva).

Partido Branco:
Wenceslau Braz: Hugo, Thiago, Duilho, Pires, Bicudo, Dunga, Rosa, Chibata, Delvero, Jason, Bahiano, Ramon (reserva).

Juizes:
Dr. José Montandon
Dr. Álvaro Cardoso".

CORREIO DE ARAXÁ.
Araxá, n.24, p.2, 21
set., 1913.

Dedicada a Arthur Rosa, um dos quatro fundadores do Najá.

Com esta nota, a imprensa, em 1913, registrava um dos, senão, o mais antigo clube de futebol organizado em Araxá. Ainda que de maneira informal, os dois times enfrentaram-se, levando os nomes de dois personagens da política brasileira naquele momento.

Inicialmente, o futebol foi elitista. Era visto como uma maneira de mobilizar a população urbana e dotá-la de um "estilo de vida moderno". Aos poucos popularizou-se para ser consagrado como esporte de massa. Os clubes populares e associações começaram a se espalhar pelo país na década de 10, no mesmo momento em que se verifica esta tendência em Araxá.

Aqui também pode ser observado o interesse pelas diversões fora do universo familiar e privado. As emoções de final de semana intensificavam-se a cada patinação nos riques do antigo Largo da Matriz e da praça da Conceição (Governador Valadares). As corridas de cavalos na Rua da Raia — a "Dom José Gaspar" — e o jogo de futebol tiravam Araxá da suposta monotonia e despertavam a atenção da imprensa. O futebol, em particular, atraía os formadores de opinião e, inclusive, a classe política.

É bem possível que o mesmo time, organizado e festejado em 1913, tenha se dissolvido para, em 1915, reaparecer sob nova liderança. Desta vez, Sancho Mourão, Jason de Oliveira e Areovaldo de Almeida, jovens tidos como "dedicados *sportmen*", o estilo então em vigor, reorganizaram o **Foot-Ball Club-Araxá**.

A cada partida de futebol convocava-se o público assistente com excessivo entusiasmo. O incentivo aos atletas e ao jogo em Araxá adquiria uma conotação de busca de modernidade, afinal, o esporte nada mais era do que um pré-requisito para o perfeito desenvolvimento físico de um jovem.

Os times de futebol organizavam-se sucessivamente sem obterem a estrutura que lhes garantisse as condições de uma existência duradoura. Invariavelmente, todos eles mantinham no nome as palavras *Araxá* ou *araxaense* que os identificavam.

Em 1917, a imprensa local noticiava a possibilidade de, mais uma vez, reorganizar o *Foot-Ball Club* araxaense. Outras iniciativas constam desta época como *Itacolomy Foot-ball Club* — primeiro time do "Gymnasio do Araxá" — e o *Oliveira-Coelho Foot-Ball Club*, do Instituto Delfim Moreira. Este time chegou a ser chamado também de *Ângelo-Coelho Foot-Ball Club*, numa referência ao diretor da escola que representava.

Outra agremiação cujo nome era *Araxá Sport Club*, formou-se em 1919, com estatuto próprio. Em 1922 este time reivindicou, junto ao prefeito Bernardo Aroeira, a ampliação do seu campo de futebol.

Algumas das provas da difusão do futebol pelas ruas de Araxá estão inscritas nas atas da Câmara. Em 1927, a legislação municipal proibiu o jogo de *foot-ball* praticado na rua sob pena de multa e de apreensão da bola. Representando a *Associa-*

ção *Athletica Araxaense*, um grupo formado por Eustórgio Pinheiro, Celestino Rodrigues Valle e Edson Alvarenga solicita ao prefeito Mário Campos a construção de um campo esportivo.

A era do rádio veio firmar definitivamente o futebol como o esporte da maioria. Na década de 30, o poder de comunicação e a linguagem peculiar do rádio uniram para sempre os heróis da bola aos seus torcedores.

ESPORTE E LAZER

As pesquisas de Luiz Rosalvo Santos, estudioso do futebol araxaense, apontam que, nos anos 30, os torcedores de Araxá dividiam suas preferências entre o *América Futebol Clube* (1933) e a *Associação Atlética Araxaense*. O primeiro teve como um dos seus fundadores, Carlos Costa Pinto, funcionário do Banco Comércio e Indústria de Minas. O segundo foi dirigido, em certo período, por Enéas Santos e Sancho Montandon. Havia também o Triângulo Esporte Clube, time de José Guimarães.

O final dos anos 30 pode ser considerado como pré-estréia daqueles times que seriam eternizados no imaginário do araxaense. O *Tiradentes Futebol Clube* — fundado em 1938 por Benjamim Assunção, o *Bejo* — atuou como uma verdadeira escola de craques. Formou um time próprio e ainda produziu os jogadores do *Ipiranga Esporte Clube*, uma das estrelas do futebol ao lado do *Najá Futebol Clube*.

Os anos 40 pareceram auspiciosos para a população que dispunha, confortavelmente, de algumas consideráveis opções de lazer: usufruir do Complexo do Barreiro, frequentar os cinemas (Trianon, Brasil, Grande Hotel) e os programas de auditório da Rádio Imbiara, transitar pelos bares e confeitarias da *Boa Vista* ou torcer pelo time favorito no Estádio Fausto Alvim, recém-inaugurado.

Em 30 de maio de 1942 foi fundada a *Associação Esportiva Araxaense*. Era uma associação

constituída de um departamento feminino, com ênfase no vôlei, um departamento masculino, dedicado ao basquete e, por fim, uma seção de futebol. Ao que parece, eram times amadores que se organizavam informalmente e, a cada partida, recebiam o nome do seu coordenador. Conforme panfletos de julho de 1942, por exemplo, dois times se enfrentaram: *Conjunto João Senna X Conjunto Clovis Cardoso Júnior*.

NAJÁ

O *Nacional Futebol Clube* nasceu da iniciativa de um quarteto apaixonado pela bola: Antenor Afonso Júnior (Nonô), Dr. Armando Zema, José Porfírio dos Santos (Pratinha) e Arthur Rosa. Depois de o time ter sido criado em 1º de agosto de 1943, um decreto presidencial proibiu o uso informal de nomes que sugeriam significados patrióticos e nacionalistas. O *Nacional* então transformou-se em *Najá*, em 1944.

Entre as histórias contadas oralmente e que povoam as lembranças do futebol araxaense está a da origem do nome *Najá*. Cientificamente ele remete a uma espécie de palmeira típica da região nordeste e de origem indígena. Mas muitos afirmam que a palavra *Najá* é formada pelas letras iniciais dos nomes ou apelidos de seus idealizadores: *Nonô*, *Armando*, *José* e *Arthur*. Dessa forma, a criatividade também solucionou os problemas financeiros em relação aos uniformes e flâmulas que foram todos aproveitados, pois já mostravam a sigla *N. F. C.*

Ser um *najaense* era o mesmo que professar uma religião ou pertencer a um partido político no tempo em que imperava a fidelidade partidária. Os impressos do time referiam-se à "família najaense" quando se dirigiam aos jogadores, comissão técnica e torcedores.

Diz-se que o *Najá* provou aos pessimistas que Araxá poderia, sim, ter o seu futebol profissionalizado. Da sua documentação oficial constam os campeonatos conquistados: 1943, 1948, 1950, 1954 e 1955. Estão contabilizados jogos, derrotas, empates e um saldo positivo de 58 vitórias.

De 1954 a 1956 os najaenses

empreenderam uma luta fora do campo. Reivindicaram a construção do seu estádio próprio em terreno doado pelo Cel. José Adolpho de Aguiar, na Vila Silvéria. O novo estádio levaria o nome de seu benemérito. O então governador mineiro, Juscelino Kubitschek, chegou a fazer uma doação para o projeto, porém, a sua construção não se realizou.

O time manteve suas atividades administrativas e técnicas até aproximadamente o final dos anos 50. Esteve inativo até 1975, quando houve uma tentativa de arregimentação das suas forças sem resultado. Neste ano 2000, o terreno referente ao campo do *Najá* foi doado a APAE pelos senhores Arthur Rosa e Wilson Pinheiro dos Santos, representantes da diretoria do clube.

IPIRANGA

Ninguém pensava que uma derrota do *Najá* pudesse render-lhe um adversário ferrenho e dar início a uma célebre rivalidade. Isso aconteceu em 1945, logo depois de um embate do time najaense com o *Industrial* de Belo Horizonte, quando os visitantes venceram a partida. A cidade, paralisada, reanimou-se depois que um grupo de araxaenses, amistosamente, organizou a revanche. Resultado: o *Tiradentes Futebol Clube*, do craque *Bejo*, goleou o *Industrial*. O placar de 5 a 2 marcou a fundação do *Ipiranga Esporte Clube*, formado com jogadores do *Tiradentes* e de outras agremiações.

No contra-ataque do *Ipiranga* esteve sempre, e inevitavelmente, o *Najá*. Algumas vezes os dois clubes adversários aliaram-se a um objetivo comum como o de promover o concurso de Miss Araxá.

Dirigentes, torcedores e jogadores como Walter Natal, Francisco Penello e Vitorico Alvarenga notabilizaram-se pelo amor à camisa do *Ipiranga* cuja trajetória tem sido revivida pela imprensa local.

OPERÁRIO

Driblando os "grandes" times, o *Operário Futebol Clube* formou-se em 1945, ligado diretamente à Asso-

clação Operária Araxaense que, a esta altura, já estava dividida em departamentos, dentre estes, o esportivo. Os treinamentos, inicialmente feitos em um campo no atual "Bom Jesus", foram transferidos para outro lugar, em terreno doado pelo então prefeito Waldir Luiz Costa e batizado como Estádio Oacisto Teixeira, em homenagem a um dos responsáveis pelas causas operárias, inclusive as esportivas.

Para Alcino de Freitas, também estudioso do futebol, os times Tupi, Estância (Barreiro), Cruzeiro (Santa Rita), Vila Nova (Santo Antônio) e o Operário atuaram ao lado daqueles que disputavam torneios regionais como Najá e Ipiranga.

EFERVESCÊNCIA

À época da aprovação de seus estatutos e da eleição da primeira diretoria da *Liga Araxaense de Desportos*, em 1954, estiveram presentes os representantes dos times, que compunham a Liga. É possível a identificação de todos os times existentes na cidade em 1954: Najá Futebol Clube, São Jorge Futebol Clube, Operário Futebol Clube, Ferrocarril Futebol Clube, Sete de Setembro Futebol Clube, Ipiranga Futebol Clube.

Vale registrar que, antes, porém, o médico e esportista Dr. Atilio Colombo, tradicionalmente ligado ao Najá e ao Operário, fundara, em 1957, o *River Plate*.

A revelação de novos craques marcou o final dos anos 50 alterando o quadro esportivo araxaense. As arquibancadas do Estádio Fausto Alvim viram chegar outra geração de torcedores e de atletas. Com eles, o *Araxá Sport Club* (1958), mais tarde, *Araxá Esporte*, o *Caiçara Futebol Clube* (1958) e tantos outros times que foram formados ou continuaram em atividade até a década de 60. Arsenal, Santa Cruz, CIT, Santa Marta, Curtume e Internacional envolveram-se intensamente neste clima esportivo.

Em 1976, Antenor Afonso Júnior, o Nonô Afonso, um dos históricos fundadores do Najá, recebeu convite de Nicanor de Freitas e Ronaldo Gomes da Costa para reestruturar o *Araxá Esporte*. O con-

vite, recusado, mostra, porém, que Araxá é uma cidade que tem memória.

Recentemente a memória esportiva dos araxaenses manifestou-se outra vez. A Prefeitura Municipal de Araxá, através da iniciativa do vereador Juarez França, registrou, em maio de 2000, os pés de três atletas, à entrada do "Fausto Alvim", inscrevendo esta mensagem:

"Os torcedores de futebol de Araxá agradecem e aplaudem, para sempre, as jogadas de seus inesquecíveis atletas, representados por:

Walter Natal — pelo Najá e Ipiranga,

Padrinho e Aguinaldo — pelo Araxá Esporte.

Com seus pés eles cresceram a história do nosso futebol."

Fontes:

- Acervo Antenor Afonso Júnior (Nonô Afonso).
- Arquivos SAHPP/FCCB.
- Cartório do Registro Civil de Pessoas Jurídicas de Araxá.

FREITAS, Alcino de. *Jornal do Lar*. Nº. 00/ dez/1998; nº. 01/jan.; nº. 02/fev.; nº. 03/mar.; nº. 04/abr.; nº.05/maio; nº. 06/jul.; nº. 07/ago.; nº. 08/set.; nº. 09/out.; nº. 10/nov./1999.

SANTOS, Luiz Rosalvo. *O Clarim*. 15/ago., 29/ago., 19/set., 26/set., 03/out., 17/out., 31/out., 07/nov/1997.

Depoimentos: Arthur Rosa, Walter Natal e Alair José Silva.

Referências Bibliográficas:

MORAES, José Geraldo Vinci de. *Cidade e Cultura Urbana na Primeira República*. São Paulo: Atual, 1994.

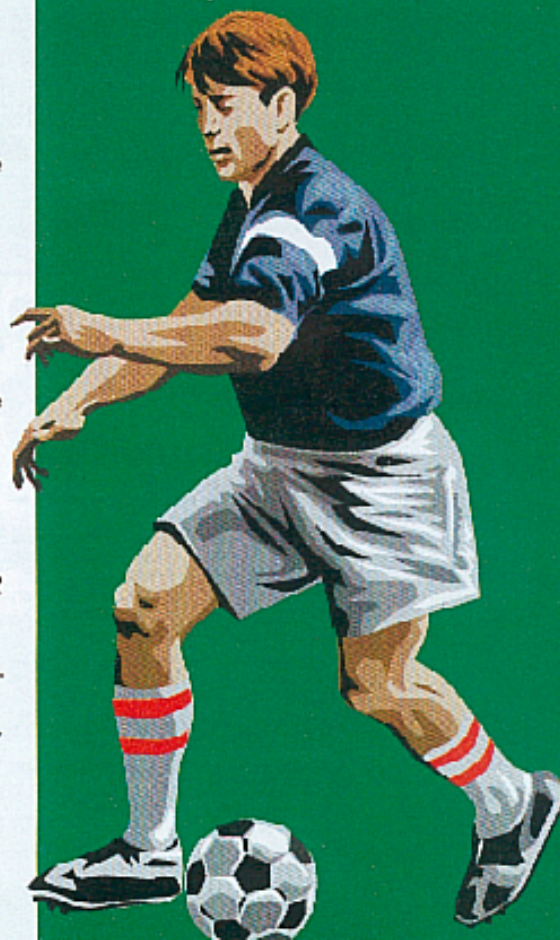
SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Estático na Metrópole*. São Paulo: sociedade e cultura nos primeiros anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Comprovadamente ou não, a presença em Araxá da seleção brasileira de futebol, aqui concentrada em 1958, promoveu uma efervescência esportiva. A partir de então, novos times foram criados. Antes disso, nossos esportistas haviam fundado, em 1954, a *Liga Araxaense de Desportos* para coordenar a vida desportiva local.

Presidentes da L. A. D.

- Walter Batista da Costa - 1954/1957
- Domingos Gusmão da Cunha - 1954/1957
- Evaristo Rodrigues Lima - 1957/1958
- Adelson Ribeiro de Pezende - 1958/1959
- Francisco de Assis Fontes - 1959/1960
- Potyguara Teixeira - 1959/1960
- Francisco Fabrício de Cavallini - 1961/1962
- Walter Batista da Costa - 1963/1964
- José Maria de Castro - 1965/1966
- Walter Batista da Costa - 1966/1967
- Rubens Bittar - 1968/1969
- Nicanor de Freitas - 1969/1970
- Jairo do Espírito Santo Brito - 1970/1973
- Senezomar de Aquino - 1974/1976
- José Messias de Aquino - 1977/1978
- Jairo do Espírito Santo Brito - 1979/1981
- Senezomar de Aquino - 1982/1984
- José Eustáquio Marins - 1985/1990
- José Esteves Pires Júnior - 1990/1993
- Ayres Nogueira - 1994/1996
- Agno Rosa de Castro - 1997/2001.

Fonte: Liga Araxaense de Desportos.





Itacolomy Foot-ball Club, time do Gymnasio do Araxá, em 1918. Fotografia: Mariuel Alves Feljó. Arquivo SAHPP/FCCB-02780.



Najā. Por volta de 1946, o time esteve assim formado: da esquerda para a direita, Ponuque (mascote), Adão, Pepita, Delvo, Joãozinho, Zico, Ivaí, Pirassununga, Neginho, Canhoto, Uberaba e Paulinho. Acervo Família Hermenegildo Contato.

Por volta para a Noquin Zé Mic Hermer



"Team Brasileiros", um dos antigos times de futebol formados em Araxá. Em pé: juiz - Fuad; Santos, Nhonhô, Albertino, Mozart, Francisquinho e Jamillo. Sentados: Hildérico, Bar, Abner, Parateca (cap.) e Namillo. Fotografia retirada do Álbum de Araxá de 1928, página 60. Arquivo SAHPP/FCCB.



O time do Ipiranga em 1947, aproximadamente: da esquerda para a direita, em pé: Uberaba, Coquinho, Esmerindo, Camarota e Podrada; agachados: Nicanor (Bila), Bahiano, Jackson, Suim, Ivo e Ci. Acervo Família Hermenegildo Contato.

Ao Público Esportivo de Araxá

Foi definitivamente organizado o

"Operário Esporte Clube",

que unido ao Desportivo já existentes do "IPIRANGA" e do "NAJÁ", está fazendo o maior passo para o engrandecimento do esporte em nossa terra.

Os desportos do Clube estão entregues aos Srns. Paulo Gomes, Wilson Hamon, Cyllio, Camargo e Benjamin Assumpção, Cristiano Moreira do Sr. Air Jamillo.

Grande número de inscrições já conta o "OPERÁRIO", inclusive o aumento de 12 jogadores do esporte cizado no...

Domínio esta semana terá início as treinas.

A F. F. está junto a F. M. F. já foi iniciado, devendo seguir para o Capital dentro por estes dias um ônibus para tal fim.

"Operário Esporte Clube", quadro oficial da Sociedade do Operário.

Constituído com o apoio dos operários para o engrandecimento do esporte "alm-verde".

A COMISSÃO.

Araxá, 20/6/1946.



No primeiro treino do Najá, na temporada de 1946, o time esteve formado por: da esquerda para a direita, em pé: Silva, José Geraldo, Zé Melo, Expedicionário, Dolvo, Joãozinho, Nagib, Ivaí, Covanca, Donatinho, Divaino, Negrinho e Ary Jamatti; agachados: Pepita, Fidelis, Viotti, Chico Proto, Eurides (Hermenegildo), Paulinho, Cachabá, Barão, Nivaldo, Waltinho, Afrânio, Pedrada e Baixinho. Sentados: Dedão, Juquita, Dario e Adão. Acervo Família Hermenegildo Contato.



Em 1948, o Ipiranga entrou em campo com: da esquerda para a direita, em pé: Nhô Quim, Cocão, Eurides (Hermenegildo), Didi, Dijuba, Edinho, André Paganella (treinador); agachados: Walter Natal, Durval, Camarota e Xororó. Acervo Família Hermenegildo Contato.



Em 1958, durante a concentração da Seleção Brasileira de Futebol para a copa do Mundo, os jogadores vestiram-se com a camisa do Najá Futebol Clube. Posaram para a posteridade, da esquerda para a direita, em pé: Djalma Santos, Bellini, Nilton Santos, Zito, Formiga, o ex-prefeito Domingos Santos, Rogério Santos e José Armando; agachados: Garrincha, Didi, Vavá, Dida e Zagalo. Fotografia doada por Domingos Santos. Arquivo SAHPP/FCCB-00983.

A cidade inteira esperou por muito tempo...
o fruto "amadureceu"... e foi colhido em boa hora!

Ipiranga versus Najá

com as suas equipes principais frente a frente, pela 1ª vez!

Em disputa fenomenal, a discutida supremacia dos grandes rivais!

Estadístico sério de "Mênis do 2" entre as representações araxatubas e ipirangistas. TITULARES e SUPLENTE.

Dias 11 de Junho e 1.º de Agosto, culminando em 15 de Agosto de 1948 - se houver "nobra" - as datas máximas do FUTEBOL ARAXAENSE!

IPIRANGA X NAJÁ

o acontecimento "atômico" da vida futebolística araxatubista de Nôvo Gênes!

NAJÁENSES - IPIRANGISTAS.

Não vos esqueçam nunca de que de tão maravilhosa variedade de opções araxatubas, depende a qualidade futura do esporte araxatubista!

Luchem-se sempre de que ARAXÁ se enalteça orgulhosamente nos seus 48000 habitantes, ao se fazerem sempre fazer bem compreendidos e reconhecidos!



Araxá Esporte Clube. Por volta de 1976, o time era assim formado, da esquerda para a direita, em pé: Murilo, Prego, Daniel, Oscar, Macarrão (Alaor) e Jackson; agachados: José Roberto (massagista), Silva, Rogério, Ademir, Rui e Manga. Acervo Família Hermenegildo Contato.



Os aspirantes do Ipiranga em 1950, aproximadamente, da esquerda para a direita, em pé: Mambaco, Ronaldo, Neninha, Gonzaga, João Leite, Marroco, Chadu, Eurides (Hermenegildo) e Bejo (treinador); agachados: Manteiguinha, Manteiga, França, Toninho e Chico Leite. Acervo Família Hermenegildo Contato. Sobre o treinador: Bejo foi o protagonista de um momento célebre do nosso futebol, pois pediu que, ao morrer, suas cinzas fossem espalhadas no gramado do Estádio Fausto Alvim. Seu desejo não poderia deixar de ser atendido. Afinal, ele literalmente "suou" a camisa do futebol araxatubense. Do seu currículo consta, ainda, a participação como fundador do "Ipiranga" (1945) e do "Araxá Esporte Clube" (1958).



O Araxá Esporte Clube jogou contra o time de Ribeirão Preto no dia da inauguração dos refletores do Estádio Fausto Alvim. Da esquerda para a direita, em pé: Esmeraldo, Suim, Fred, Minim, Eduardo, Franklin e Maurício Moura, agachados: Alfredo, Agnaldo, Spencer, Aluisio e Geraldino. 1969. Acervo José Geraldo Monteiro (Suim).

Antenor Afonso Júnior

ou melhor, Nonô do Najá

Aqueles que viviam em Araxá nos anos 40 e 50 habituaram-se a ouvir o nome de Antenor Afonso Júnior sempre associado ao nome do time de futebol que ele ajudou a fundar, ao qual emprestou a letra inicial do seu apelido Nonô e se dedicou intensamente.

Meio século depois de sua atuação como jogador de futebol, incentivador de novos talentos e dirigente esportivo, a Fundação Cultural Calmon Barreto recebe, em forma de doação, um conjunto de documentos que pertenceu a Nonô Afonso, o Nonô do Najá.

De posse desse acervo observamos que o homem que foi capaz de reunir cuidadosamente os mais diversos registros, possuía características especiais. A análise dessa documentação — recortes de jornais, documentos oficiais, fotografias, correspondências — revela o perfil de um cidadão atento a tudo que girava em sua volta. Prova, ainda, que ele quis reservar ao futuro, mostras daquilo que seus contemporâneos, araxaenses na maioria, viveram.

Com certeza, seu universo



Antenor Afonso Júnior, o "Nonô Afonso", vestido com o uniforme do Araxá Foot-Ball Club.

Fotografia: João Parateca. S/d data. Acervo Nonô Afonso.

estendia-se muito além dos limites do campo de futebol e de uma vaidade puramente pessoal. A título de exemplo, pode-se ler em ata da Câmara Municipal de Araxá, referente à reunião de 15 de feve-

reiro de 1962, uma moção de congratulações transcrita a pedido do vereador Heitor Gentil Montandon. Veja quadro abaixo.

FAMÍLIA

Para identificar seus laços familiares basta consultar as árvores genealógicas dos Afonso, Porfírio e Montandon, famílias pioneiras radicadas em Araxá.

Nascido em 11 de novembro de 1911, ele era o primeiro filho de Antenor Afonso e Henriqueta Montandon. Pela linha paterna era neto de Maria Porfírio da Rocha e Silva (filha do Capitão José Porfírio) e de Evaristo Afonso da Silva. Dr. Eduardo Montandon e Brasilina Gonçalves Barbosa foram os seus avós maternos.

Por muitas vezes, ele ouviu comparações entre a sua personalidade e as de seus irmãos: Maria Salomé

(Irmã Tarcila), Graciette, Pe. Evaristo, Eduardo, Brasilina (Zizi), Paulo, Agnaldo, Henriqueta (Lolita), Geni (Irmã Aparecida), José Geraldo, Geni, Sebastião e Inês faleceram prematuramente.



"O Sr. Antenor Afonso Júnior o popular "Nonô" de gloriosa jornada futebolística como técnico à frente do Najá E. C., fez doação à Biblioteca Pública de Araxá, de 130 volumes de sua biblioteca particular. O nosso "Nonô", que atualmente desempenha funções como alto funcionário da Secretaria de Finan-

ças de Minas Gerais fez-se merecedor das nossas mais emocionadas congratulações. Eis um araxaense, que mesmo longe, não se esquece de sua terra natal e com magnífica doação de livros enriquece o patrimônio cultural da cidade. Que o seu exemplo frutifique e outros o acompanhem doando livros à Biblioteca Pública de Araxá".

De todos os filhos de Antenor e Henriqueta, Nonô foi o mais irreverente deles.

UMA VEZ NAJÁ, SEMPRE NAJÁ

A estréia como jogador de futebol, integrante do Triângulo Futebol Clube, aconteceu entre o final dos anos 20 e início dos 30. De jogador ele passaria, mais tarde, à condição de um dos homens fortes do futebol araxaense.

Em 1943, Nonô Afonso uniu-se aos amigos, Dr. Armando Zema, José Porfírio dos Santos (Pratinha) e Arthur Rosa para, juntos, fundarem o Nacional Futebol Clube, depois rebatizado como Najá Futebol Clube. Sempre, de alguma forma e enquanto o clube esteve em atividade, ele imprimiu all sua marca.

Na primeira diretoria ocupou a função de diretor técnico. Ao seu lado estiveram Dr. Álvaro Cardoso (presidente), Dr. Armando Zema (vice), José Porfírio dos Santos (1º secretário), Calimério Guimarães Jr. (2º secretário), Arthur Rosa (tesoureiro) e Wilson Pinheiro dos Santos (diretor social).

O Najá, segundo as palavras de Nonô, foi o time "que fez a nossa querida terra sair de sua enervante solidão esportiva, projetando-se lá fora". O primeiro time, a quem se atribuía a "fibra invejável do lutador najaense", foi gloriosamente assim escalado: Node (Arnoldo de Almeida Castro), Covanca (Reginaldo Moura) e Ary Jamatti, "Zico", Chico Preto (Benedito da Silva) e "Ci", Paulinho (Paulo de Souza), Nivaldo (Nivaldo Neves), Gentil (Gentil dos Santos), Uberaba (José Tolentino) e Dib (José Dib).

Como primeiro secretário do Najá em 1975, o próprio Nonô enviava uma correspondência à Liga Araxaense de Desportos. Neste documento ele faz algumas con-

siderações sobre a impossibilidade de o time participar do campeonato local daquele ano, registrando, sinteticamente, a trajetória najaense. Segundo ele, o time fundado em 1943 manteve suas atividades administrativas e técnicas até 1957. De 1957 a 1975, fora levado a um "regime de completa inatividade" definido como fruto de "fatores desfavoráveis". E, naquele ano de 1975, implantava-se um trabalho de arregimentação de suas forças.



Família Antenor Afonso. Da esquerda para direita, atrás: Henriqueta (Lolita), Agnaldo, Graciette, Antenor Jr. (Nonô), Brazilina (Zizi), Paulo de Tarso e Inês. À frente: Irmã Tarcila, Pe. Evaristo, Henriqueta e Antenor, Irmã Aparecida e Pe. Eduardo. S/data. Acervo Nonô Afonso.

REGISTROS NAJAENSES

Do seu precioso acervo constam ainda, dentre muitos outros, exemplares interessantes dos "registros najaenses". Há uma agenda de apontamentos, de 1944 onde se lêem nomes e mais nomes de najaenses com as respectivas datas de aniversários. São homens, mulheres, jovens e crianças, atletas, políticos e doutores, araxaenses ou não, brasileiros, imigrantes árabes e italianos. Enfim, vê-se uma parcela da população ou, como se dizia, uma extensa "família" representada por sua preferência futebolística.

Outras curiosidades disponíveis são os cartões impressos com distintivos do Najá cumprimentando os najaenses aniversariantes e um abaixo-assinado, sem data, dos atletas do clube pedindo à diretoria a volta do técnico Nonô.

No último dia de 1945, o diretor-técnico Nonô envia, em nome do Najá, uma mensagem aos esportistas de Araxá. Com um texto impecável, ele fala de paz para a sua cidade e para o mundo

que assistia, então, ao final da Segunda Guerra. Reverencia a "família najaense", congratula-se com a equipe alvinegra que brilha em campo e expressa, ainda, sentimentos de araxaense orgulhoso da sua terra e do esporte que nela se pratica. O espírito de fraternidade latente naquele momento é manifestado quando se dirige aos clubes, em especial, ao Ipiranga Esporte Clube a quem deseja, acima da rivalidade esportiva, uma campanha vitoriosa em 1946.

A propósito do pendor literário presente nos textos do Najá escritos por Nonô Afonso, diz a tradição familiar que ele, por muitas vezes, colaborou com o seu tio, o Senador João Jacques Montandon,

na produção de discursos que o político proferiu ao longo da carreira.

PROFISSÃO

Mas não só de esporte e de reuniões sociais e políticas vivia Nonô Afonso. Funcionário público estadual ingressou na Coletoria de Araxá, em 1933, como escrivão substituto de Gustavo Cardoso de Menezes Júnior. Foi escrivão efetivo e, nessa função, chegou a trabalhar em Belo Horizonte e Uberlândia para depois, retornar definitivamente a Araxá, onde se aposentou.

Em 1978, quando completou

45 anos e 10 meses de serviço público, recebeu manifestações de apreço como o mais antigo funcionário da Administração Fazendária de Araxá. Seus colegas o definiram, então, como um "funcionário cumpridor dos seus deveres, além de ser uma pessoa inteligente, jovial e amiga".

Seguidas homenagens se realizaram. Em 1979, a Câmara Municipal de Araxá o destacou como funcionário público representante da classe e, em especial, por "tantos anos de dedicação e zelo com a causa pública".

Novamente, em 1980, o Legislativo voltou a prestar-lhe reverência, desta vez, por solicita-

ção do vereador José Custódio de Rezende.

Em 9 de fevereiro de 1988 Nonô Afonso faleceu. Aos filhos, Henry César e Nancy Henriette e à mulher, Zenaide, ele fazia questão de dizer que lhes deixaria, como legado, muitos amigos. Os seus preciosos papéis, hoje guardados na Fundação Cultural Calmon Barreto, podem comprovar essas amizades.

Fontes:

Arquivos SAHPP/FCCB.

Arquivo da Câmara Municipal de Araxá.

Acervo Antenor Afonso Júnior.

Depoimentos: Henry César Afonso e

Arthur Rosa.

OLHA O PASSARINHO!

A **Família Leime** compartilha sua memória com nossos leitores. Na década de 40, todos os seus membros — hoje na quarta geração — reuniram-se no ateliê do fotógrafo Octávio Fonseca, registrando esse momento para a posteridade.

Da esquerda para a direita, sentadas: Júlia Galdino Leime; sua mãe, Jamila Galdino e Joana Leime, sua sogra. De pé: Elias Leime com os filhos Calil, Leila, Selym, Pedro (criança), Diva, Eunice e o genro Abdalla Abrão.



Família Leime, 1940/1950. Fotografia de Octávio Fonseca. Acervo Diva Leime.

FAMÍLIA LEIME

A história da família Leime em Araxá teve início, por volta de 1913, com a chegada do imigrante árabe Elias Leime procedente do Desemboque e de Tapira. Inicialmente ele foi mascate e depois, comerciante.

Em 1919 casou-se com Júlia, também de origem árabe, filha única de Jamila e João Galdino aqui residentes desde 1901. Elias e Júlia tiveram seis filhos.

Em 1922, após a morte de seu pai Isper Leime no Líbano, Elias trouxe para Araxá a mãe Jamila e a irmã Zahia.

Trabalhou como sócio do Cassino do Hotel Colombo até que, em 1933, com a morte do sogro, João Galdino, assumiu os negócios de "Ao 1º Barateiro". Dirigiu esta casa comercial localizada à rua Dr. Franklin de Castro n.º 507 até 1966, quando morreu, aos 77 anos. Como tradicional comerciante da cidade, participou da formação da primeira diretoria da Associação Comercial de Araxá.

Elias sempre cultivou a amizade e o relacionamento com os patricios, preservando o idioma e os hábitos alimentares da terra natal. Liderando a sólida união entre os árabes foi considerado o "chefe" da colônia sírio-libanesa aqui radicada.

Fonte: Depoimento de Diva Leime.

O Sonho da Estação Ideal

Há quem pense que a inauguração do Complexo Turístico do Barreiro, com o célebre descerramento da placa pelo Presidente Getúlio Vargas na rotunda das Termas, tenha sido o início da vida turística de Araxá. Na realidade, aquele 23 de abril de 1944 simbolizou o coroamento de uma vocação que se manifestava desde 1890, aproximadamente.

Os primeiros estudos científicos sobre as águas sinalizaram para as possibilidades do seu uso no tratamento de doenças, para a fabricação de produtos industriais como o sabonete de lã e o sulfuroso e para a transformação de Araxá numa estação de cura e veraneio. É neste sentido que a cidade e o Barreiro vinham se preparando desde o final do século XIX. A Câmara Municipal cabia fazer as leis bem como executá-las. Os vereadores e o presidente da Câmara — que também exercia o cargo de agente do executivo — administravam o município, inclusive o local das fontes na época também chamado de Bo bedouro.

A transfiguração de Araxá em uma estância modelo, equiparada aos seus pares europeus, povoava o imaginário da população, particularmente daqueles que detinham o poder de decidir, como os homens públicos. Depois de alguns insucessos na concessão de privilégios para o uso das águas, a Câmara deu início ao processo de desapropriação dos terrenos que envolviam as fontes.

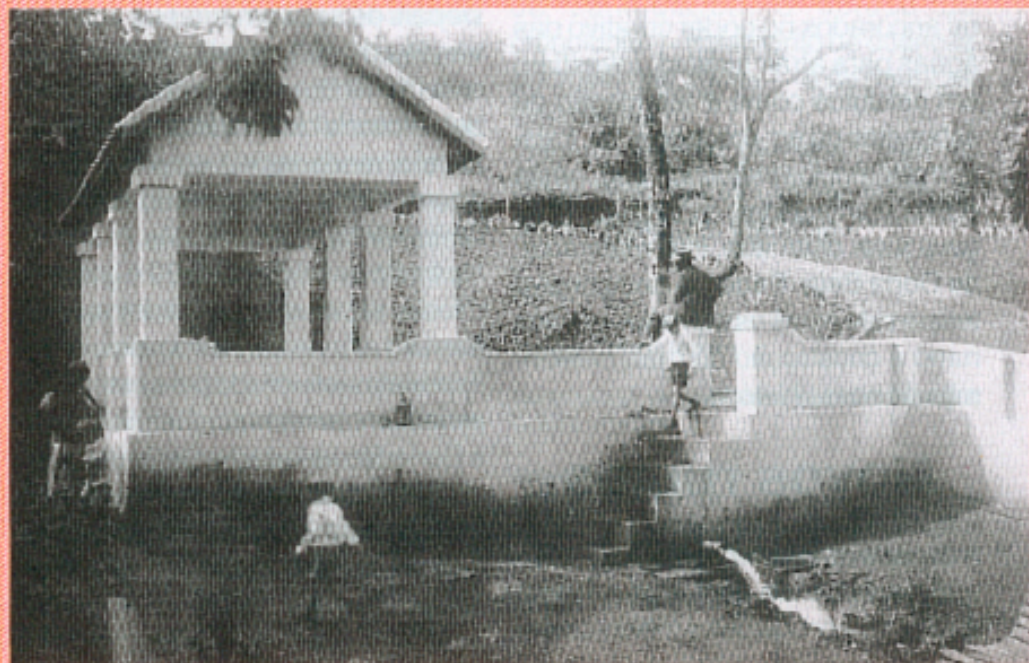
Municipalização

Uma nova fase da história do Barreiro começou, então, com a municipalização das fontes e dos seus arredores. Em meio às intermináveis discussões sobre a legalidade ou não dessa medida e das ações judiciais dela decorrentes, o poder público municipal passou a conceder o direito de uso e gozo para que se

realizassem serviços indispensáveis: estrada, balneário, hotéis, parques e jardins.

Novamente os acordos estabelecidos entre algumas empresas e a Câmara Municipal não resultaram no sonhado e eficaz aparelhamento da estância.

Ceder as fontes ao Estado de Minas Gerais, em 1915, foi a alternativa encontrada pela Câmara de Araxá.



A fonte de água radioativa que, na década de 20, já começava a ser chamada, informalmente, de "Fonte da Dona Beja". Doação: Leonilda Scarpellini Montandon. Arquivo SAHPP/FCCB. 00123.

Acreditava-se que o governo mineiro reuniria as condições para executar as obras necessárias ao incremento turístico, pois o orçamento municipal disponível era escasso. Em contrapartida o Estado criou a prefeitura em 1915. Isso implicou a possibilidade de contar com um prefeito nomeado para administrar a cidade com o apoio direto, inclusive financeiro, do governo estadual.

Tais alterações na estrutura administrativa não trouxeram soluções imediatas. Problemas como a morosidade na construção da Estrada de Ferro ligando Araxá aos ramais próximos como Conquista, Uberaba e Ibiá foram um dos obstáculos ao acesso dos *aquáticos*. No entanto foram parcialmente tratados outros entraves, como a construção da estrada anti-

ga e a do segundo balneário (antes havia apenas um *balneário primitivo* como era conhecido).

A imprensa local noticiava com freqüência o nome e a procedência das pessoas que transitavam pelas pensões e hotéis e reivindicava, sistematicamente, a construção de um hotel modelo e de praças e bosques que pudessem oferecer lazer aos visitantes.

Apelo

Em 1923, o Conselho Deliberativo da Câmara de Araxá uniu-se aos de Poços de Caldas, Cambuquira, Caxambu e Águas Virtuosas para juntos fazerem um apelo ao governo do estado: a elaboração de um plano para remodelar as estâncias. Tal proposta era a única capaz de corresponder às metas destas cidades como centros de repouso e de cura. E, mais ainda, caso as estâncias fossem aparelhadas adequadamente, o Estado poderia contar com lucrativa fonte de renda. Realmente vivia-se um momento de intensa valorização das estações balneárias. Nos anos 20, além das águas, a atmosfera bucólica do Barreiro também

atraia as elites que aqui chegavam para a temporada de banhos, de descanso e de jogos. O jogo era praticado nos hotéis por segmentos privilegiados, mas os bares não deixavam de oferecer o concorrido carteadado.

Em 1925 o *Governo Mello Vianna* (1925-1926) chegou a elaborar um belo e não menos arrojado projeto para o Balneário, porém não executado.

Enquanto isso, as lentas ações que remodelariam o Barreiro abriram espaços à iniciativa privada. Os hoteleiros e empreendedores, de modo geral ancorados no poder curativo das águas para atrair turistas, investiam em produtos como a fabricação de sabonetes ou em propagandas. Existem referências indicando que, nesta época, a antiga fonte radioativa começava a ser chamada, informalmente, de Dona Beja. Pode-se deduzir que teriam sido estes os primeiros passos rumo à construção do mais célebre mito de nossa história.

Novos rumos

A década de 30 começou renovando a expectativa da população. Araxá continuou a cobrar pelos melhoramentos até que em 1933 o *Governo Olegário Maciel* (1930-1933) reativou o "projeto de obras da futura cidade balneária". Uma comissão de engenheiros, dentre eles Andrade Júnior e Carvalho Lopes, foi encarregada de traçar o espaço da nova versão da estância. Os araxaenses, entusiasmados, viram, em 1936, aproximar-se o sonho de ganharem, agora sim, "belos jardins para recreio dos veranistas e aquistas".

O conjunto das obras de todo o Parque do Barreiro tendo à frente o Grande Hotel e as Termas foi adiado para o Governo Benedito Valadares (1933-1945). Foram seis anos de trabalho ininterrupto que começou efetivamente em 1938. Após a cerimônia inaugural das Termas, do parque e dos jardins, da piscina e da Fonte Dona Beja, em 1944, as obras prosseguiram com a posterior conclusão do Grande Hotel (1945) e a da Fonte Andrade Júnior (1947).

É natural que uma obra pública de elevada dimensão física e financeira, com repercussão internacional, fosse envolvida por intensas questões político-partidárias. A partir de 1946, os destinos do Complexo Turístico foram verdadeiros instrumentos de poder. Ser, então, o diretor da Estância significava ter sob sua coordenação todo o Parque com o Grande Hotel, as Termas e uma fazenda de propriedade estadual. Esse cargo, de extrema importância, acompanhou, portanto, a alternância de poder entre os dois grandes partidos da época: PSD e UDN.

Depois de experimentar as administrações municipal (até 1915) e estadual (de 1915 a 1951), a "maior e mais bela estância hidromineral do continente" foi arrendada pela empresa de Joaquim Rolla, proprietário do hotel Quitandinha, de Petrópolis.

No início da década de 60 o governo mineiro reassumiu a administração do Barreiro através da Hidrominas, órgão especialmente criado para este fim. O projeto implantado por Getúlio Vargas e Benedito Valadares ganharia, agora, mais duas novas construções: a Igreja Nossa Senhora das Graças e o edifício da Rodoviária.

Nessa mesma década a imprensa mineira anunciou a intenção de a Hidrominas instalar, no interior do Grande Hotel, um hospital de estética cuja direção seria entregue a um nome de expressão da área médica, como Rui Lopes da Costa ou Ivo Pitanguí. Já vigorava a idéia de se "fazer em Araxá o que Elizabeth Arden fez em Nova Iorque: um hospital academia ou clínica de recuperação ou embelezamento plástico".

A Hidrominas dirigiu o Complexo do Barreiro até 28 de janeiro de 1994, quando foi encampada pela COMIG, a atual responsável pela restauração gradativa e pelo posterior arrendamento.

O outro lado da história

A estância do Barreiro esteve sempre envolvida por um viés de *glamour*. Durante as primeiras décadas deste século preparou-se para se transfor-

mar na "maior e mais bela" de todas. Acostumou-se a receber e a conviver com as elites brasileiras. Em 1944 atraiu para si as atenções do país e do mundo, ao celebrar solenemente a conquista de um antigo desejo. A história, porém, mostra outras faces não tão nobres ou luxuosas como a monumental obra.

Vejam algumas passagens que nos revelam o outro lado da história:

* **Calmon Barreto** foi preterido para fazer as pinturas em afresco na rotunda das Termas. Para a função convidaram Joaquim Rocha Ferreira. Calmon e Joaquim eram amigos e colegas na Escola Nacional de Belas Artes. Na época, já haviam sido igualmente reconhecidos e premiados com medalha de ouro e desfrutavam de prestígio em suas carreiras. Prevaleceu a amizade de Rocha Ferreira com o engenheiro e hidrólogo Andrade Júnior. Durante a execução do trabalho, os dois artistas encontraram-se algumas vezes em Araxá durante as férias de Calmon Barreto em sua terra natal.

A reparação aconteceu alguns anos mais tarde, em 1951, quando o ex-prefeito Álvaro Cardoso assumiu a direção do Banco de Crédito Real de Minas Gerais. Convidou, então, Calmon Barreto para executar um trabalho artístico na sede da instituição.



Beber a água da antiga fonte radioativa, no ambiente bucólico do Barreiro, é um hábito que atrai os aquáticos a Araxá. Década de 20. Doação: Leonilda Scarpellini Montandon. Arquivo SAHPP/FCCB-00119

em Belo Horizonte.

* **Em 1942**, 800 homens trabalhavam na obra. Quem se posicionava à altura do Hotel Colombo obtinha uma visão do Grande Hotel que se aproximava à de um "formigueiro". Uma das turnas, responsável pela limpeza e conservação das estradas que contornam o Barreiro e pelo campo de aviação era contratada por um feitor, conhecido como "Juca Corgozinho". Os trabalhadores, inclusive menores, pegavam o trem — de carga — na Estação Ferroviária e eram conduzidos até o *Pau de Bina*. Daí percorriam a pé toda a estrada antiga até chegarem ao Barreiro, levando a marmita fomecida pela pensão do "Sebastião Barboeiro". Nesse caso, os trabalhadores não recebiam salário e sim um vale a ser trocado na *Casa Seleta*, tradicional loja da cidade.

* **O médico Cláudio de Paula Pena**, chefe do *Serviço de Cardiologia e Eletricidade Médica das Termas* entre 1944 e 1947, ao deixar o cargo, teceu comentários curiosos sobre a sua experiência:

"ele fora contratado inicialmente para prestar serviços aos operários das obras que se encontravam há três

anos sem assistência médica;

*revelou que os operários "viviam em choupanas desprovidas de qualquer comodidade e higiene, em virtude de um plano econômico cruel e desumano";

"para ele, "a vaidade e a susceptibilidade foram dois grandes obstáculos à organização médica do Balneário"; "diz que "todas as iniciativas" em relação ao funcionamento das "obras do Araxá" foram "eliminadas". Afirma que, àquela altura, o governo partia do princípio de que "era contrário a qualquer obra que não desse lucro imediato ao Estado";

"acredita que "houve enorme falta de planos, morosidade na execução da obra, descoordenação administrativa prejudicando o desenvolvimento das obras que assim cresceram assustadoramente de preço";

"afirma que o custo total da obra do complexo é uma incógnita cujo valor "ninguém sabe ou se poderá saber". Esclarece, porém, que não há "nenhum escândalo de dinheiro público" mas, sim, um "sinal da máquina emperrada que nos governa";

"acreditava que, para o Balneário alcançar os objetivos então propostos, o governo deveria: resolver o proble-

ma de transporte até Araxá;

concluir a obra. Afirmou que o "hospital de indigentes e a enfermaria de pensionistas, num total de 42 leitos, estão completamente paralisados";

organizar os serviços médicos; doar terrenos para a construção de hotéis. Segundo ele, o governo temia concorrência ao seu hotel;

reconhecer a obra como "fato consumado" administrando-a com eficiência.

Ao final da década de 40 já se mostravam evidentes as necessidades de estimularem o estudo da crenologia — tratamento de doenças por meio das águas — e de doenças da nutrição.

Como podemos perceber, vêm de longa data as discussões sobre os destinos da *bela estância*.

Fontes:

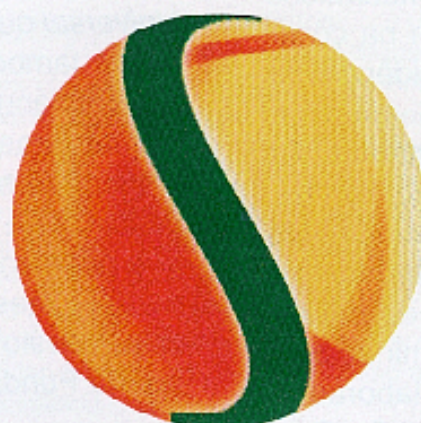
Arquivos SAHPP/FCOB.

Arquivo Público Mineiro.

Depoimentos: Dr. José Maria Santos e Domingos Gusmão Lemos.

Referência Bibliográfica:

CORREIO DE ARAXÁ. *Rui Lopes ou Ivo Pitanguí para Dirigir Hospital de Estética no Grande Hotel*, Araxá, nº. 654, ano XIII, 15-nov/1969.



SINTONIA CULTURAL

TV SINTONIA CULTURAL - CANAL 3

TVSINTONIA@TERRA.COM.BR

PBX: 34 - 662 9999 FAX: 34 - 662 0727

CAIXA POSTAL 100 ARAXÁ - MG 38180-000

PAPEL PASSADO

Vivemos o final de um século em que jamais a história da humanidade assistiu a tão profundas transformações e, por isso, a busca e o cultivo das tradições culturais devem ser considerados como prioridade.

A **Fundação Cultural Calmon Barreto** recebe freqüentemente doações importantes como documentos e objetos. Estas atitudes demonstram que a população araxacense está consciente da necessidade de preservar o seu patrimônio cultural.

Doações Recentes:

- Um trabalho de indiscutível valor histórico foi doado por Ahilton Guimarães. Trata-se de um completo dossiê elaborado por ele, como ex-funcionário da FERTISA — Fertilizantes de Minas Gerais S.A. — em que reconstituiu historicamente, com riqueza de detalhes, a participação daquela empresa na construção de Brasília. A FERTISA enviou, em 1956, uma equipe de profissionais integrada por pedreiros, carpinteiros, serventes braçais, mestre de obras, motoristas, tratoristas, mecânicos e alguns técnicos para trabalharem na construção do *Catotinho*, a primeira residência do Presidente da República.

Do dossiê do araxacense que registrou estes momentos, constam ainda a relação do pessoal que seguiu para Brasília bem como a das máquinas e a dos materiais requisitados. Outros documentos, como um recorte do *Estado de Minas* cujas fotografias estão minuciosamente identificadas pelo nosso colaborador-pesquisador, completam a documentação. Com certeza, este material é imprescindível não somente para o estudo da história de Araxá como também de todo o governo JK.

- O Brigadeiro Ronaldo Alencar Portfírio Borges doou aos nossos arquivos o texto original do Pe. Otávio Gretter relatando a trágica excursão dos padres e alunos do Colégio Dom Bosco à *Cachoeira do Pai Joaquim*. Neste epi-

sódio morreram afogados o Pe. José Três e o aluno Luiz Diomedes Santos. Este documento é uma preciosa fonte para futuras pesquisas.

- Edgard Martins Mancira e Lygia Cardoso Mancira doaram uma cópia da memorável aula inaugural ministrada por Osvaldo Aranha, em 15 de março de 1955, na Escola Técnica de Comércio de Araxá. *Aranha* foi um dos mais expoentes personagens do cenário político nacional, com projeção internacional. Dentro muitas funções governamentais exercidas foi nomeado representante do Brasil nas Nações Unidas (1946-1947), quando elegeu-se Presidente da Sessão Especial da ONU, que criou o Estado de Israel.

- Três artefatos de pedra encontrados na Fazenda Matinha, *Sesmaria do Barreiro*, foram cedidos pelo proprietário, Ismar Affonso Pereira.

- Sylvia de Almeida Barsante doou à nossa biblioteca uma coleção da *Revista Geográfica Universal* que pertenceu ao seu filho, o jornalista e também redator da "Geográfica", Cássio Emmanuel Barsante. As edições mensais das revistas doadas, publicadas no período entre 1974 e 1994, foram cuidadosamente organizadas e ricamente encadernadas em trinta e nove volumes, pelo próprio jornalista, até os dois meses anteriores à sua morte. Em vida, Cássio foi um grande amigo e colaborador da Fundação Cultural Calmon Barreto.

- Nosso arquivo foi enriquecido com uma reprodução fotográfica datada de 1897. Trata-se de uma fotografia da família de Belarmino de Paula Machado doada por Domingos Santos. Belarmino foi Coletor Estadual em Araxá e fez parte do Conselho que administrou a cidade durante a transição do Império para a República. A propósito, ele é o avô materno de Domingos Santos.